

ÁREAS PERIFÉRICAS COMO ESPAÇOS DE SEGREGAÇÃO E RESISTÊNCIA E A FORMAÇÃO POLÍTICO-CULTURAL NOS MOVIMENTOS FUNK E HIP HOP

Andréia Ribeiro Cunha
Universidade Federal Fluminense
deia2cunha@gmail.com

RESUMO:

Nossa pesquisa pauta-se na análise de áreas periféricas e na formação dos movimentos Funk e Hip Hop nas últimas décadas na sociedade brasileira, buscando as diferentes geografias produzidas nas metrópoles por esses movimentos político-culturais juvenis. Analisamos a polissemia e pluralidade territorial que surge das periferias metropolitanas por meio da ressignificação de espaços urbanos públicos e privados, destacando o cotidiano urbano, o contraste sócio-espacial e as resistências geradas por mulheres e homens a partir dessas condições. Evidenciamos as discussões acerca das questões de identidades raciais, de classe e de gênero por meio do diálogo com os sujeitos produtores dos movimentos, salientando a importância desses atores nos processos de transformação do território e sua luta pelo direito à cidade.

Palavras-chave: Movimentos político-culturais; Raça; Gênero

GT – 6: Território e ativismos sociais urbanos

1 INTRODUÇÃO

Acompanhamos profundas desigualdades serem estabelecidas cada vez mais sobre a sociedade brasileira através dos meios políticos, econômicos e sociais. A lógica econômica do grande capital gera uma modernização seletiva e segregacionista de alguns pontos, acentuando a desigualdade sócio-espacial. Um resultado desta lógica é o estabelecimento de áreas centrais, direcionadas à população mais abastada e áreas marginalizadas destinadas à população historicamente pobre e subjugada, em sua maioria negra.

Lefebvre aponta que o urbano deveria ser tido como um lugar de reunião, de encontro, e “A democracia urbana implicaria a igualdade dos lugares, a participação igual nas trocas globais” (2008, p.114) contudo o que temos socialmente estabelecido é uma hierarquia dos lugares. Diante desse cenário alguns movimentos culturais emergem estabelecendo um pensamento crítico e rompem com a lógica homogeneizadora e alienante, se caracterizando como formas de resistência a determinadas imposições estabelecidas, se apropriando do espaço, criando manifestações de pertencimento e identidade. A partir disso, podemos pôr em pauta questionamentos sobre a construção de identidades territoriais e a relação de pertencimento do indivíduo ao lugar, buscando desvendar as diferentes geografias produzidas nas metrópoles brasileiras. Analisamos a polissemia e pluralidade territorial que surge das periferias metropolitanas por meio da ressignificação de espaços urbanos públicos e privados, destacando o cotidiano urbano, o contraste sócio-espacial e as resistências geradas por mulheres e homens a partir dessas condições.

Utilizamos movimentos culturais como articuladores de discussões sobre o espaço urbano brasileiro, entre o conhecimento científico e a arte para pensar a vida urbana nas últimas décadas, demonstrando alguns dos diálogos e encontros que são possíveis nas cidades. Buscamos uma teoria geográfica a partir de movimentos sócio-culturais e ativismos políticos, reconhecendo práticas e ações que permitam a assimilação da geograficidade dos movimentos culturais, aqui entendida como subjetividade individual e coletiva, baseada nas relações sociais de poder.

Observamos a produção político-cultural construída por meio de artes de resistência das periferias, que através da sua expressão é possível distinguir elementos da sua geograficidade e as problemáticas dos seus discursos, assim como afirma Ana Clara Torres Ribeiro:

[...] a partir da leitura do território orientada pela compreensão das lutas de apropriação, surge o rico universo de relações que tem origem nos confrontos entre códigos de conduta e, em termos amplos, entre a concepção dominante da ordem social e os numerosos outros ordenamentos das práticas sociais que se opõem a esta concepção. (2005, p.12459)

Nos dedicamos ao estudo desse cotidiano e suas implicações, destacando o Funk e o Hip Hop, mais precisamente o Rap, dois movimentos estigmatizados desde o seu surgimento,

Há um clima de hostilidade em relação ao funk, considerado como gênero musical no qual são produzidas músicas melodicamente pobres e de conteúdo leves, isto é, o funk não contribuiu para a “conscientização desses indivíduos quanto a sua condição social ou mesmo racial”. (HERSCHMANN, 2005, p.185)

Se num passado não muito distante o samba se caracterizava como a voz musical dos grupos das áreas marginalizadas, hoje o Rap e o Funk se unem a ele como instrumento de construção da identidade dos jovens urbanos na luta por direitos sociais e apropriação pública. Seguindo a lógica de Denilson Araújo (2006), podemos através do Hip Hop e do Funk entender transformações ocorridas no espaço urbano e diferentes formas de organização da população pobre, partindo do princípio que esses movimentos se apropriam de dinâmicas dos processos de globalização, recriando os espaços no urbano, atribuindo ressignificação aos espaços cotidianos através da cultura. Eles se reapropriam de partes da cidade reproduzindo uma cidadania insurgente.

Nossa pesquisa se mostra essencial devido a permanente visão negativa e estereotipada ainda atrelada ao Funk e ao Hip Hop no Brasil, por mais que estejam inseridos no cotidiano da sociedade e presentes nos grandes centros do país. Não buscamos contar a história do Funk e do Hip hop, mas pensar sobre sociedade, cultura e poder através da análise de como determinados sujeitos periféricos utilizam a cultura para se posicionarem diante das desigualdades estruturais estabelecidas pelo capitalismo, atuando como revelador do cotidiano periférico e resistência do lugar ao processo de segregação da metrópole. Procuramos desvendar os territórios, territorialidades e disputas territoriais estabelecidos por esses movimentos através das descrições e críticas sociais presentes nesses movimentos e suas ações pela apropriação do espaço nas metrópoles brasileiras nas últimas décadas. Evidenciamos as discussões acerca das questões de identidades raciais, de classe e de gênero por meio do diálogo com os sujeitos produtores dos movimentos, salientando a importância desses atores nos processos de transformação do território e sua luta pelo direito à cidade. Buscamos a valorização do sujeito e da ação na compreensão do que seja a territorialidade insurgente das culturas das periferias metropolitanas.

Temos aqui novas territorialidades representadas e construídas por jovens através da musicalidade, para tais análises utilizamos pesquisa teórica sobre o tema, analisando alguns eventos relacionados ao movimento Hip Hop e Funk, material áudio-visual e letras do Funk e Hip

Hop, objetivando reconhecer suas táticas de apropriação do espaço público por meio de um diálogo de saberes entre a academia e as vozes oriundas desses movimentos político-culturais. Partimos do Hip Hop e do Funk para entender transformações ocorridas no espaço urbano e as diferentes formas de organização da população pobre. Destacando as vozes que emergem das periferias das metrópoles brasileiras e seus relatos sobre o cotidiano e práticas urbanas, ressaltando o papel social dos jovens pobres que utilizam a cultura Funk e Hip Hop como afirmação, luta e visibilidade pública.

2 A CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PERIFÉRICOS COMO ÁREAS DE SEGREGAÇÃO E RESISTÊNCIA.

As metrópoles brasileiras se caracterizam historicamente por excluir, segregar e fragmentar, gerando a apropriação diferencial dos equipamentos urbanos, resultando na dicotomia metrópole/periferia. O tecido urbano, portador da urbanidade e centralidade, antiga, renovada, nova, como afirma Lefebvre (2001) proporciona o encontro de diferentes mundos e vivências. Concebemos aqui periferia como

[...] espaço invisível aos olhos da sociedade que, muitas vezes, despreza-o, na tentativa de apagamento dos sujeitos e de suas produções culturais marginalizadas, não porque encontradas à margem geográfica do sistema, mas porque colocadas de lado pela produção calcada no dinheiro, que volta sua atenção e seus olhos para os sujeitos e as produções da alta sociedade, sendo, esses, colocados em local central de visibilidade e importância sociais. (PAULA; PAULA, 2011, p.110)

Logo, para nós, as periferias são espaços segregados e marginalizados. Sendo locais que abrigam indivíduos historicamente postos às margens da sociedade por determinado grupo com maior poder social, econômico e/ou político. Contudo, quando trazemos esses sujeitos produtores de culturas para o centro do discurso, os retirando da invisibilidade socialmente imposta e ecoando ainda mais suas vozes, deslocamos as periferias para o centro.

Acreditamos “que o espaço social é produto do trabalho, local em que se localizam as mais variáveis instâncias, da produção, do consumo, do poder, das idéias, da cultura; portanto, ele é um suporte para a sociedade concreta, ou seja, o ‘palco’” (CAMPOS, 2006, p. 78). O espaço geográfico pode ser caracterizado como produto social e condição para realização e reprodução da sociedade. Tendo a música ligação intrínseca com as transformações urbanas ao longo do tempo, estando diretamente ligada ao processo de uso do território. Através das vivências e experiências

dos indivíduos com a cidade a arte vai demonstrar fusões entre o corpo e o espaço. As sociedades são produtoras e resultado das manifestações culturais. A partir disso, observamos racionalidades alternativas urbanas que emergem de cotidianos socialmente invisibilizados e criam consciência e luta na prática diária. O Funk e o Rap se constituem como recursos que narram o cotidiano do território e as lutas de apropriação e resistência contra as imposições do espaço-mercadoria, demonstrando que estes representam novas territorialidades e a existência de usos alternativos do território metropolitano, se caracterizando como agentes produtores do espaço urbano.

A territorialidade abriga uma multiplicidade de espaços, identidades e tempos que convivem e interagem. A música e o movimento inerente a ela estão diretamente ligados a esse fenômeno, evidenciando a impossibilidade de acesso a espaços e direitos relacionados à cidade por parte da população pobre, negra e marginalizada, como aponta Denilson Araújo de Oliveira “[...] distintas formas de ação protagonizadas por pessoas do universo Hip Hop têm apresentado tal questionamento na definição dos rumos da sociedade urbana que estamos construindo.” (2012, p.1). Da mesma forma, Micael Herschmann (2005) revela a importância dessas expressões culturais, pois é através dela que os jovens das periferias se inserem no mercado de trabalho e lidam com o processo de estigmatização. Como afirma Lefebvre, a rua se caracteriza como

[...] o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados [...] Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo espectador, as vezes ator. Nele efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada. (2008, p. 27)

Nela os elementos da vida urbana que se encontram numa ordem imóvel se liberam nas ruas e seguem em direção ao centro. Nela a desordem informa, surpreende e constrói uma ordem superior. A rua nos surge como um espaço de reprodução de cultura, na qual os atores sociais demonstram discernimento e defesa do seu local de moradia contra a estigmatização imposta pelas metrópoles. Dessa forma, o urbano se mostra como local de possível contato e conflito de tempos distintos, normas, sujeitos, e outros que atuam num mesmo espaço e contribuem para a constante e infinita construção, desconstrução e reconstrução da cidade. Através da sensibilidade desses sujeitos surgem racionalidades alternativas convivendo com a hegemônica, logo, os lugares podem ir contra as imposições do pensamento dominante, e gerar novas formas de (vi)ver o mundo. (OLIVEIRA, 2016)

Ao pesquisarmos as produções musicais e culturais das áreas marginalizadas das metrópoles brasileiras observamos novos protagonismos, de ordens sócio-espaciais irredutíveis às

dinâmicas econômicas e mecanicistas instauradas, que geram a ressignificação dos centros urbanos, trazendo a tona suas dinâmicas territoriais e gerando outras. Caracterizamos o território como “[...] um *espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder.*” (SOUZA, 1995, p.78), como uma categoria de análise reveladora da dinâmica social reproduzida por grupos populares nos espaços sociais, onde estes expressam seus mundos no conjunto da cidade. “O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência.” (SANTOS, 2007, p.13) demarcando sua identidade, descrevendo sua realidade e o mundo que os cercam. Dessa forma,

O território não é apenas o conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como *território usado*, não o território em si. O território usado e o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar das resistências, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 2007, p.14)

É aonde ocorre o processo de sociabilidade, da construção identidades sociais. Como nos esclarece Carlos Walter, “diferentes territorialidades e os diferentes sujeitos que as portam e agenciam estão reconfigurando os lugares, o espaço. A tensão que hoje vivemos é a melhor expressão que a conformação territorial hegemônica já não consegue mais oferecer abrigo.” (2006, p.46) Assistimos a existência de infinitas formas de apropriação do território que coexistindo, tensamente, em determinados tempos e lugares (RIBEIRO, 2005). É a escrita de diferentes mundos numa mesma cidade, diferentes identidades e tempos convivendo e se relacionando simultaneamente.

No contexto periférico dominado pela lógica da violência ligada ao tráfico e ao crime organizado, o movimento Funk e Hip Hop surgem como formas de manifestações contra-rationais. Demonstrando que é possível falar de sentimentos, música e arte ao se discutir sobre desigualdade de classes e étnicas, abordando outras visões sobre a cidade e o indivíduo comum. Questionando a visão estigmatizada da criminalidade urbana ligada aos jovens das periferias e favelas. Devido as subordinações impostas, os espaços periféricos buscam alternativas que gerem novos significados para si, se caracterizando por ser um espaço de ação política, da subversão de normas urbanísticas e de manifestação da cultura popular. (XAVIER e KAHIL, 2006)

A periferia é um lugar em que se aproximam se associam saberes cotidianos, apreendidos na luta pela sobrevivência. É nesse cotidiano que se revelam as já muitas manifestações de insatisfação e desconforto com a realidade seletiva e com a rigidez das normas férreas [...] Há a produção de um fermento político, resultante da própria vida local que desafia

as definições e relações estabelecidas e propõe atitudes novas [...] (XAVIER e KAHIL, 2006, p.339)

Esses movimentos expressam as desigualdades territoriais, evidenciando o lugar como sede da resistência (SANTOS, 2006), constituindo-se em movimentos políticos e culturais produtores de ressignificação dos lugares, atribuindo voz aos grupos sociais tradicionalmente marginalizados. Tomemos por lugar “[...] um espaço dotado de significado e carga simbólica, ao qual se associam imagens muitas vezes conflitantes entre si [...] O lugar é, em princípio, um *espaço vivido*: vivido, claro, pelos que lá moram ou trabalham quotidianamente.” (SOUZA, 2013, p.36) Onde se tem a reprodução da vida do indivíduo, espaço suscetível de sentido, sentimento, que é apropriado e vivido através do corpo. Esses movimentos se tornam figuras centrais na construção identitária, diretamente ligada às questões étnicas oriundas dos lugares de moradia desses sujeitos. Ressaltamos, através do Funk e do Rap, a compreensão sobre os usos do espaço e territorializações que representem a resistência a estes usos e às ações territoriais hegemônicas, destacando as denúncias aos contrastes do uso territorial. Consideramos que o território interage com os atores sociais, favorecendo ou negando novas ações, existindo diversificadas formas de apropriação do território que coabita num determinado tempo e lugar (RIBEIRO, 2005). Como nos demonstra Ana Clara Torres Ribeiro “[...] a partir da leitura do território orientada pela compreensão das lutas de apropriação, surge o rico universo de relações que tem origem nos confrontos entre códigos de conduta e, em termos amplos, entre a concepção dominante da ordem social e os numerosos outros ordenamentos das práticas sociais que se opõem a esta concepção.” (2005, p.12459)

3 A EMERGÊNCIA DOS MOVIMENTOS POLÍTICO-CULTURAIS: AS QUESTÕES RAÇA E GÊNERO NO BRASIL

Tomando por base o pensamento de Glauco Rodrigues, de que a construção do mundo social se dá através da relação indissociável entre o concreto e o simbólico, eliminamos a dicotomia existente entre sujeito e estrutura, entre condições objetivas e subjetividade. “Entendemos os movimentos sociais como uma coletividade que se constitui dentro de um processo de luta em um determinado contexto sócio-espacial.” (RODRIGUES, 2005, p.6) sendo concebidos como espaços de luta nos quais determinados sujeitos se organizam objetivando reivindicar algo frente ao Estado, sendo historicamente primordiais por promoverem a luta por diversos direitos de diferentes setores sociais.

Diante disso, o Hip Hop e o Funk se caracterizam como movimentos político-culturais, produzidos por indivíduos silenciados e subalternizados das áreas periféricas e marginalizadas, que irão através da arte, construir práticas e discursos para se apropriarem do espaço urbano, estabelecendo uma relação conflituosa com a ordem hegemônica. Assim:

[...] podemos pensar o *hip hop* como um movimento social pois ele é uma forma de organização popular, em níveis diferentes, que constrói uma subjetividade coletiva e individual e se estrutura em práticas políticas, econômicas e artísticas que têm como objetivo fundar novas relações sociais. A construção das suas práticas e da subjetividade coletiva e individual é indissociável dos *territórios* construídos pelo movimento, ou seja, dos *lugares* de onde ele vai emergir, que são as periferias sociais das cidades do mundo. (RODRIGUES, 2005, p.7)

Os movimentos aqui analisados levam os jovens a se incorporarem num mundo globalizado através da denúncia da exclusão da estrutura social, elaborando valores, sentidos, identidades e afirmando localismos, subvertendo a lógica alienante e opressora do capital. Tornando a rua um espaço político, cultural e crítico, assim como Lefebvre (2008) caracteriza o urbano como um campo de tensões e conflitos, no qual encontramos enfrentamentos e contradições.

Uma das bases para a pesquisa, o Rap, um dos elementos do Hip Hop, se caracteriza como um veículo do inconformismo dos que se identificam e participam do movimento, baseado em questionamentos políticos conscientes e explícitos, que denunciam as injustiças e desejam mudanças. Rompendo com a divisão da vida social, como apontam Glauco Bruce e Marcelo Lopes:

Vale a pena salientar que esse tipo de produção cultural rompe com a artificial divisão da vida social em cultura, economia, política, estética etc; quando o *hip hop* se apresenta como um movimento político-cultural, ele rompe claramente com tais divisões e põe a arte e a cultura fora de uma “esfera” responsável pela criação de obras “apolíticas” e alienadas que devem ser consumidas como produtos culturais e artísticos que visam o entretenimento, a contemplação, a reflexão e o “enriquecimento cultural” – como se essas ações estivessem dissociadas da política e da economia. A cultura perpassa a política e ambas tornam-se um único movimento. Cultura como política e política como cultura: essa é uma das características fundamentais e mais ricas do *hip hop*. (2004, p.102-103)

Nosso outro pilar, o Funk, com temas que passam pelo social, sensual e sexual, se constitui como elemento cultural que gera resignificação do lugar. O funkeiro, inferiorizado e socialmente negativamente, se caracteriza como ator social que gera centralidade para as áreas periféricas. Além disso,

A desterritorialização e reterritorialização promovidas pelo *funk*, a briga de fronteira entre classes e grupos sociais prosseguem. [...] Com o *funk*, a favela tem-se inserido nos espaços de concepção-produção-difusão e recepção musical, nos espaços de fruição social e de debate cultural. As divisórias e barreiras se movem, desarrumando e rearrumando

territórios, provocando uma multiterritorialidade. O *funk* burla sentinelas e atravessa as trincheiras da cidade (ARRUDA *et al.*, 2010, p. 422-423).

Estes movimentos inquietam a sociedade, principalmente o Funk, visto que as ligações entre ele, a violência e a sexualidade, se fazem presentes nos diálogos sobre o tema, sendo considerado um influenciador pornográfico, que vai contra o pudor e de má influência social, resultando na desqualificação e medidas de coerção “o funk é considerado perigoso por produzir uma conduta inconseqüente, que glorifica a delinqüência, e o hip hop é considerado perigoso por sua postura radical e hiperpolitizada, por produzir um discurso que incita o racismo, a intolerância, a revolta violenta das minorias.” (HERSCHMANN, 2005, p.194). Temos aqui classes subalternizadas se afirmando enquanto protagonistas da sua história, criando condições para sua inclusão e visibilidade social se colocando como atores principais. Como nos aponta Anita Loureiro de Oliveira,

[...] estas músicas têm a capacidade de criar outros imaginários urbanos que revelam múltiplas territorialidades, identidades insurgentes e lugares escondidos. As territorialidades expressas nas ações musicais interessaram particularmente à análise porque revelam o sentido simbólico do poder e, ao serem incorporadas à análise, permitem apreender a luta pelo direito à cidade [...] (2008, p.3)

Para tais reflexões se faz necessário compreender alguns dos problemas estruturais da sociedade brasileira, as juventudes que participam desses movimentos possuem sua vida diretamente atrelada a questões relacionadas ao gênero, racismo e violência. A negação da história, seja ligada a raça e/ou ao gênero, gera a invisibilidade desses sujeitos que por séculos seguem estigmatizados.

Quando tratamos sobre a negritude brasileira é perceptível, como destaca Campos (2006), que os signos e valores criados no sistema escravocrata brasileiro permanecem vivos e presentes nas relações sociais através de diferentes formas de discriminação étnica ao longo de diversos períodos da nossa vida republicana “implicando, na maioria das vezes, a ‘invisibilidade’ dos afrodescendentes, subsumidos no contexto das políticas públicas, reafirmando os valores impostos pela desarticulação social.” (CAMPOS, 2006, p. 59) A presença de negros e negras e sua apropriação espacial no Brasil ficou restrita aos espaços segregados, áreas periféricas e marginalizadas, participando das áreas centrais, na maioria das vezes, apenas como prestadores de serviços. Remetendo-nos ao fato de que “Historicamente, os espaços das favelas têm forte presença de afrodescendentes, os negros e pardos, em função do descompasso de todas as políticas

públicas existentes entre o final da escravidão e a consolidação da República” (CAMPOS, 2006, p. 60). Evidentemente a sociedade brasileira ainda mantém suas bases enraizadas no período colonial, seguindo esta lógica, “A figura do escravo perdeu o sentido nos dias atuais, porém permanecem vivos o preconceito e a discriminação contra os mesmos afrodescendentes e os espaços que eles ocupam: as favelas.” (CAMPOS, 2006, p.70), assim como as demais áreas periféricas e tudo que é produzido por eles. Para manter a permanência dessa estrutura social, onde vemos a maioria populacional subjugada em detrimento de uma elite separatista, se faz necessário ações para que essa população segregada não se intelectualize e se articule

Nas sociedades em que parte da população é privada das liberdades primárias, aquelas consagradas como básicas para a vida, a desarticulação é condição essencial para que exista o domínio de um grupo sobre o outro. Em geral, a ausência de liberdade pode ser explicada pelas condições históricas em torno das desigualdades sociais em diversos setores da vida pública e privada dos “cidadãos”. (CAMPOS, 2006, p. 59)

Os movimentos Funk e Hip Hop surgem assim, como formas de articulações dessa população historicamente segregada e discriminada, com intuito de gerar visibilidade para os espaços e questões relacionados a esses sujeitos. Somado aos problemas de origem racial, trazemos para o debate a questão de gênero ligada à produção desses movimentos. Que mesmo surgindo com intuito de contestar e discutir problemas e questões sociais, debatem pouco em seus movimentos e letras sobre as desigualdades de gênero, sendo o machismo fator recorrente. Estes dois movimentos são caracterizados por serem majoritariamente masculinos, se tratando de um reflexo da sociedade patriarcal, que ainda vê a mulher como subordinada ao homem.

[...] constatou-se que basicamente é o homem quem tem voz e ação nesses textos, enquanto a mulher, embora seja constantemente mencionada, é geralmente o agente passivo em relação ao homem. Essa mulher assume o papel de gatinha, de cachorra, de fiel ou de amante, segundo a vontade masculina construída nos textos. Sendo assim, observaram-se antigas representações de gênero presentes nas letras de músicas *funk*, e construídas em novas e diversificadas roupagens que acabam retomando e enfatizando os papéis que sempre foram determinados historicamente para homens e mulheres, onde a mulher é inferior, submissa, associada ao erotismo e não tem posição ou voz de comando (OLIVEIRA, 2008 Apud Bernardes et al., 2005, p. 8)

Contudo, a participação feminina não ocorre apenas como consumidoras e acompanhantes nesses eventos, mas sim de forma efetiva na produção e realização destes. Tal preconceito é evidenciado nas práticas discursivas, sendo reproduzido nas canções e nos espaços nos quais esses grupos se sociabilizam. Com isso, esses movimentos funcionam como meio de denúncia e debate sobre as vivências das mulheres e os problemas por elas enfrentados, seja no âmbito público ou privado.

Quando as jovens conseguem ingressar no universo *hip hop*, movimento caracterizado como cultura de rua, a dicotomia público/privado no interior do movimento exige enfrentamentos cotidianos, pois as ordens morais de sexo/gênero presentificam-se das mais variadas formas: desigualdade de condições para participação em eventos e na ocupação de cargos de liderança, hegemonia dos códigos de honra masculinos exercendo controle sobre a entrada e a saída das jovens, bem como o controle sobre seus corpos, desvalorização do trabalho delas e estabelecimento de uma moeda de troca (favores sexuais) para a transmissão das técnicas dos elementos, entre outros desafios. (MENEZES; SOUZA, 2012, p.3)

No Hip Hop ainda existe resistência ao se trabalhar com erotismo e sexualidade por parte das mulheres. Se antes havia o enaltecimento do pensamento em detrimento da exaltação do corpo, hoje elas revolucionam o universo de temas ligados ao masculino, inserindo nas suas canções e versos questões do cotidiano feminino. Em contrapartida, críticas são lançadas ao Funk devido à exploração, erotização do corpo da mulher e objetificação nas suas canções. A mulher era tida como passiva, sem voz de comando em relação ao homem. Entretanto observamos mulheres que não se satisfazem com o papel romântico e submisso, gerando novas representações de gênero que enfatizam papéis anteriormente relegados ao homem e grupos de mulheres cantoras que se colocam em posição de superioridade, expressando a liberdade sexual da mulher como um gesto político, denunciando opressão, rompendo com padrões de beleza e ganhando lugar de fala. Fatores que geram a inversão dos lugares, demonstrando cada vez mais a conquista do espaço pelo feminino.

A blasfêmia contida nas letras de funk que falam sobre sexo são intrínsecos aos elementos de resistência artística e cultural. É a profanação do ambiente sagrado do que acontece “entre quatro paredes”, em que a elevação do espírito não pode ser atravessada pelos prazeres mundanos, que o funk deixa sua marca. No caso específico da mulher, os elementos de resistência podem ser considerados ainda mais significativos, pois a subversão está também relacionada a sua identidade de gênero. Trata-se, então, de uma transgressão de seu papel no campo da música, da arte e diante da sociedade como um todo [...] (CAETANO, 2015, p.16)

Observamos movimentos com ideias de valorização da mulher oriundos e associados as camadas periféricas, tirando o feminismo do discurso acadêmico e das classes médias e o tornando mais acessível para essa população mais pobre. Temos aqui classes subalternizadas e sujeitos invisibilizados se afirmando enquanto protagonistas da sua história, transformando a rua num palco do qual desejam ser atores principais, como nos elucida Glauco Bruce

O protagonismo social significa que as pessoas tomam para si próprias o controle de suas vidas, constroem estratégias de ação coletiva para se colocarem como sujeitos políticos efetivos, amenizando e buscando superar os limites da democracia representativa e, principalmente, colocando-se como portadores de novos direitos políticos, culturais,

econômicos, estéticos, sexuais, etc. O protagonismo social implica um complexo processo de construção social de uma identidade coletiva, de um imaginário social, uma subjetividade, formas de organização, manifestação, possibilidades concretas de organização, margem política e econômica de manobra e, por fim, o interesse em superar determinada condição social. (2005, p. 3-4)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa buscamos realizar uma breve análise acerca dos espaços e sujeitos historicamente segregados e marginalizados, ressaltando a importância do Hip Hop e Funk, movimentos político-culturais que atuam como forma reveladora do cotidiano periférico e resistência do lugar ao processo de segregação da metrópole capitalista. Desejamos contribuir para os estudos geográficos através do uso da sensibilidade do outro, com ideal de atingir as racionalidades alternativas que convivem com a hegemônica, através da arte, reconhecendo as apropriações de diferentes racionalidades formadoras da vida social numa cidade. O urbano nos surge como um campo de conflitos, de tensões, enfrentamentos e contradições, sendo aqui caracterizado como produto social e condição para realização e reprodução da sociedade. Os movimentos estudados podem contribuir para a visibilidade pública e a capacidade de mobilização popular, se configurando como alternativas de participação na vida política e social dos indivíduos periféricos, através de militâncias que têm na sua cultura sua principal forma de afirmação e de luta por reconhecimento, caracterizando as áreas periféricas como espaços de produção cultural ao gerar uma ressignificação do urbano.

Acreditamos que a inserção de questões relacionadas à população negra e de ideias de valorização da mulher, oriundas e associadas às camadas periféricas, retiram os debates sobre raça e gênero do discurso acadêmico e das classes médias o tornando mais acessível para a população mais pobre, aumentando a visibilidade pública, a capacidade de mobilização popular tendo como protagonistas sujeitos invisibilizados e inaudíveis durante séculos falando de suas próprias experiências, problemáticas e interesses, acarretando na produção de maior representatividade ao trazerem outras visões e novas questões, modificando o curso dos movimentos.

5 REFERÊNCIAS

Livro/Book:

HERSCHMANN, M. (org.). **Abalando os anos 90 – Funk e Hip-Hop**. Rio de Janeiro : Rocco, 1997, v.1.

_____. **O funk e o hip-hop invadem a cena.** 2 ed. Rido de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** 3re Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

_____. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001 [1969].

RODRIGUES, Glauco Bruce e PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Geografia e movimentos sociais: o caso do movimento hip hop.** CD rom do XIII Encontro Nacional de Geógrafos. João Pessoa: AGB, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: EditoraHucitec, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes & RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento urbano e ativismos sociais.** São Paulo: UNESP, 2004.

Capítulo de Livro/ Book chapter:

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. Por uma episteme dialógica, sensível e criativa: uma homenagem a Ana Clara Torres Ribeiro. In EGLER, Tamara Tani C.; POGGIESE, Hector Atílio; MIRANDA, Elis de Araújo (orgs.). **Método e ação no pensamento de Ana Clara Torres Ribeiro.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território.** SANTOS, Milton. [et al] **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 3ª Ed.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** In: CASTRO, InáE. de et al (orgs.). **Geografia: Conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

XAVIER. Denise Prates; KAHIL, Samira Peduti. **Repensando a periferia no período popular da história: o uso do território pelo movimento Hip Hop.** in GERARDI, Lucia Helena de Oliveira; CARVALHO, Pompeu Figueiredo de. (Org.) **Geografia: ações e reflexões.** Rio Claro: UNESP/IGCE : AGETEO, 2006.

Periódico/Journal:

ARRUDA, Angela; JAMUR, Marilena; MELICIO, Thiago; BARROSO, Felipe. **De pivete a funqueiro: Genealogia de uma alteridade.** Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140, maio/ago. 2010.

BERNARDES, Jacira Gil; CARLOS, Carla Pinhal de; Accorssi, Aline. **Funk: Engajamento juvenil ou objetivação feminina?** Inter-Ação, Goiânia, v. 40, n. 2, p. 355-368, maio/ago. 2015.

FUINI, Lucas Labigalini. **Território, territorialização e territorialidade: O uso da música para a compreensão de conceitos geográficos.** Terr@Plural, Ponta Grossa, v.8, n.1, p.225-249, jan/jun. 2014.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. **Por uma episteme dialógica, sensível e criativa: uma homenagem a Ana Clara Torres Ribeiro.** Revista Tamoios UERJ-FFP. V.9 n. 1. 2012
<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/3293/4565>

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. **Juventude e territorialidades urbanas: Uma análise do Hip Hop no Rio de Janeiro.** Revista de Geografia. – PP GEO – v.2, nº 1, 2012.

PAULA, Luciane de; PAULA, Sandra Leila de. **No centro da periferia, a periferia no centro.** Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 107-121, jul./dez. 2011.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana.** GEOgrafia – AnoVIII – N.16 – 2006.

RODRIGUES, Maria Natália Matias; MENEZES, Jaileila de Araújo. **Narrativas de mulheres jovens rappers.** Pernambuco, 2012 disponível em www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-54.pdf

SANTOS, Célio Jose dos. **A insurgência do lugar em tempos de globalização: Uma análise a partir da cultura Hip-Hop.** Caminhos de Geografia Uberlândia v. 16, n. 54 Jun/2015.

SILVA, Joseli Maria; ORNATT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **‘Não me chame de senhora, eu sou feminista’! Posicionalidade e flexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey.** GEOgraphia, vol. 19, n. 40, 2017: mai./ago.

ZENI, Bruno. **O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva.** Estudos Avançados 18 (50), 2004.

Tese, dissertação e monografia/Thesis, dissertation and monograph:

ARAÚJO, Fábio Salgado. **A territorialidade dos bailes funks em Volta Redonda – Rio de Janeiro.** Minas Gerais: Monografia de graduação, 2009.

CAETANO, Mariana Gomes. **Mypussy é o poder - Representação feminina através do funk: identidade, feminismo e indústria cultural.** Niterói: Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades UFF. Dissertação de Mestrado, 2015.

CAMPOS, Andreilino de O. **O planejamento urbano e a “invisibilidade” dos afrodescendentes: discriminação étnico-racial, intervenção estatal e segregação sócio-espacial na cidade do Rio**

de Janeiro. Rio de Janeiro: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

GOMES, CarinCarrer. **O uso do território paulistano pelo Hip Hop.** São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Geografia - USP. Dissertação de mestrado, 2008.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. **Música e Vida Urbana: encontros e confrontos na cidade do Rio de Janeiro (1990-2008)** Tese de doutorado IPPUR–UFRJ, 2008.

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=172681

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. **Por uma significação Geográfica do Movimento Hip Hop.** Niterói: TCC, Instituto de Geociências/UFF, 2004.

_____. **Territorialidades no mundo globalizado: outras leituras de cidade a partir da cultura Hip-Hop na metrópole carioca.** Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia UFF. Dissertação de Mestrado, 2006.

RODRIGUES, Glauco Bruce. **Geografias Insurgentes: um olhar libertário sobre a produção do espaço urbano a partir do movimento hip hop.** Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Geografia UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2005.

Anais/Acta:

LIMA, Mércia Ferreira de. **Mulheres no Hip Hop: A identidade feminina em um movimento juvenil e artístico-cultural.** Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife – PE – 18 Redor – 24 a 27 de novembro de 2014.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Território usado e humanismo concreto: O mercado socialmente necessário.** Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo

RODRIGUES, Glauco Bruce. **Orçamento participativo e movimento hip hop: duas formas distintas de protagonismo sócio-espacial.** São Paulo: Unesp, 2005.